

O GÊNERO ENSAIO NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA RODA DE CONVERSA ENTRE DOCENTES

Gabriela Pepis Belinelli¹²⁴
Evellyn Ramon Fagundes Tutia¹²⁵
Otávio Felipe Carneiro¹²⁶
Sabryna Fernandes Maciel¹²⁷
Vera Lúcia Lopes Cristovão¹²⁸

INTRODUÇÃO

O ensino da escrita acadêmica nas universidades, especialmente nas áreas das Ciências Humanas, enfrenta o desafio de lidar com a diversidade de gêneros discursivos exigidos pelas diferentes disciplinas e com as distintas formas de avaliação utilizadas por professores e cursos. Dentre esses gêneros, o ensaio ocupa lugar de destaque por promover a construção de uma voz autoral, crítica e argumentativa. De acordo com Ferragini (2011), o gênero ensaio permite uma liberdade de expressão que poucos outros gêneros oferecem. É como se fosse possível, por meio desse gênero, expor a visão dos temas abordados, sem a necessidade de preocupar-se com a comprovação teórica dos enunciados. Tal natureza o torna especialmente potente no contexto da formação universitária, mas também suscetível a interpretações e usos variados, o que repercute diretamente na forma que é ensinado e avaliado.

Este relato de experiência tem como objetivo principal descrever e analisar uma roda de conversa realizada com professores de diferentes cursos de graduação vinculados a uma universidade pública localizada no norte do Estado do Paraná, todos pertencentes à área das Ciências Humanas. A proposta teve como foco central discutir a prática de produção e avaliação do ensaio acadêmico a partir de uma rubrica avaliativa construída previamente. O objetivo geral foi fomentar uma reflexão coletiva sobre o uso desse gênero no contexto universitário e, especificamente, compreender como ele é concebido, praticado e avaliado em distintas culturas disciplinares, além de discutir a pertinência e aplicabilidade dos critérios elencados na rubrica frente às especificidades de cada área do conhecimento.

Este trabalho resulta de uma atividade avaliativa proposta na disciplina *Gêneros, Ensino e Educação (Inicial e Continuada) de Professores de Línguas*, ministrada pela Professora Doutora Vera Lúcia Lopes Cristovão, no Programa de

¹²⁴ Mestra em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). gabrielapepis@uel.br.

¹²⁵ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). evellyn.ramon.fagundes@uel.br

¹²⁶ Doutorando e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). otavio.carneiro@uel.br.

¹²⁷ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). sabryna.maciell@uel.br.

¹²⁸ Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). cristova@uel.br.

Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEI na Universidade Estadual de Londrina - UEL.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está situada no campo do conhecimento da Linguística Aplicada entendida, segundo Corrêa (2008), como uma área independente da Linguística, de caráter interdisciplinar e com enfoque direcionado ao ensino-aprendizagem de línguas. O estudo desenvolvido se classifica como qualitativo, pois em oposição ao caráter quantitativo, consideramos o contexto social e os sujeitos integrantes como elementos consideráveis na investigação. A pesquisa também está situada na modalidade de estudo de caso (Gil, 2002; Egido, 2024), pois investigamos os entendimentos do gênero ensaio para um grupo pequeno de docentes de um contexto específico.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma roda de conversa com quatro professores de três diferentes cursos de licenciatura — (1) Filosofia, (1) Letras/Inglês e (2) Letras/Português — de uma universidade pública localizada na região norte do Estado do Paraná. Vale ressaltar que os docentes do curso de Letras/Português pertenciam a diferentes áreas de estudo, no caso Linguística e Literatura.

Durante a roda de conversa, foi realizada uma discussão sobre o gênero ensaio nas diferentes áreas de estudo. Nesse percurso, apresentamos uma proposta de rubrica de avaliação, a partir da qual os professores discutiram a pertinência dos critérios e descritores elencados em relação às especificidades de suas áreas.

A atividade foi registrada por meio de notas de campo e, posteriormente, submetida à análise qualitativa de base interpretativista com base no modelo teórico do gênero ensaio.

REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Gênero discursivo ensaio

O ensaio é um gênero discursivo que permite uma liberdade de expressão atípica quando comparado a outros gêneros. De acordo com Ferragini (2011, p. 38), trata-se de um gênero híbrido que reflete uma “mescla entre as esferas artística e científica, quer dizer, nele estão presentes a criatividade e a lógica. Esta, responsável pela articulação dos argumentos, enquanto aquela pela forma livre em que se constrói o ensaio e pela subjetividade”. Nesse viés, pode haver diversos tipos de ensaio, tais como o ensaio jornalístico, filosófico, literário, sociológico, entre outros. No caso desta pesquisa, nosso foco se volta ao ensaio acadêmico.

Os estudos de Campos (2015) apontam que o ensaio acadêmico permite ao autor a exposição do ponto de vista e a reflexão contextualizada sobre determinado tema. Essa característica o diferencia de outros gêneros acadêmicos, os quais costumam apresentar um rigor metodológico mais estrito. O ensaio oferece ao estudante a possibilidade de explorar ideias, perspectivas e desenvolver sua autoria em um espaço discursivo flexível. Em consonância, Söhnngen e Bordignon (2021) ressaltam que o ensaio acadêmico permite ao autor desenvolver tanto sua

competência como escritor quanto como leitor, uma vez que exige não apenas a formulação de argumentos, mas também a habilidade de analisar, avaliar e posicionar-se criticamente em relação a um tema.

Embora o ensaio acadêmico disponha de flexibilidade, é necessário reconhecer a existência de elementos que o particularizam. Ferragini (2011), ao realizar a caracterização do gênero em questão, aponta que ensaio acadêmico é construído por meio do texto em prosa, com parágrafos precisos, objetivos e lógicos. Além disso, é constituído pela exposição de conceitos de maneira sistemática, organizada e reflexiva, que permite comprovar as capacidades intelectuais do autor e expor uma reflexão profunda, madura, problematizadora e serena sobre o tema, com argumentação e interpretação pessoal.

Ferragini (2011) ainda aponta que o ensaio costuma apresentar elementos que podem ser encontrados em um artigo científico, tais como: uso de parágrafos longos; termos técnicos; seriedade; voz passiva e pronomes interpessoais; frases complexas; vocabulário especializado; e, apresentação de pontos de vistas alternados. Além disso, é comum haver uma lógica que conduza o texto a um parágrafo de final, isto é, de conclusão.

O gênero ensaio se revela promissor no contexto da avaliação formativa, sobretudo em cursos da área das Ciências Humanas, visto que permite aos estudantes a expressão de ideias e posicionamentos sem que isso implique, necessariamente, o levantamento exaustivo de dados empíricos. No entanto, deve-se considerar que embora o ensaio acadêmico apresente certa regularidade estrutural e funcional, algumas características podem variar de acordo com as práticas e exigências de cada área do conhecimento. Essa flexibilidade, inclusive, contribui para que o gênero se adapte às diferentes culturas disciplinares.

Rubrica

As rubricas, também conhecidas como grades de avaliação, são ferramentas pedagógicas constituídas por descritores que explicitam critérios avaliativos para diferentes níveis de desempenho em uma produção textual, seja oral ou escrita. Nas palavras de Moraes e Furtoso (2025, p. 245), tal recurso

[...] lista, descreve e sistematiza os critérios que serão utilizados para avaliar o desempenho do aluno, bem como a descrição desses critérios, permitindo, portanto, que esse aluno entenda precisamente como será avaliado e, ao mesmo tempo, o que precisa fazer para atingir um nível mais alto de aprendizagem.

O objetivo dessas ferramentas, ainda segundo Moraes e Furtoso (2025), é diminuir a subjetividade que permeia o processo de avaliação, bem como conferir maior confiabilidade e promover transparência, orientando os discentes sobre o que é esperado de suas produções e ancorando o julgamento dos docentes em parâmetros previamente estabelecidos.

De acordo com as autoras, ao delimitar com clareza os elementos constitutivos de um determinado gênero, as rubricas auxiliam tanto professores quanto estudantes a compreenderem as capacidades de linguagem que devem ser mobilizadas na leitura, produção e avaliação de textos. Assim, elas deixam de ser

apenas instrumentos avaliativos para assumirem também uma função formativa e didática.

No contexto do Ensino Superior, especialmente no trabalho com gêneros textuais da esfera acadêmica, as rubricas também assumem papel central na promoção dos letramentos acadêmicos, pois tornam mais visíveis as expectativas do docente e os modos de fazer próprios da comunidade científica (Moraes; Furtoso, 2025). Atualmente, as rubricas são classificadas em dois tipos: a) holísticas, que “descrevem todo o desempenho esperado de forma geral, incluindo todos os critérios [...] e/ou descritores em um mesmo nível” (Moraes; Furtoso, 2025, p. 245), seja adequado, parcialmente adequado ou inadequado; b) analíticas, que separam os critérios e atribuem diferentes níveis de desempenho a cada um deles. Na visão de Moraes e Furtoso (2025, p. 246), essa segunda opção “é a mais apropriada para o fornecimento de feedback, pois permite que professores e alunos identifiquem exatamente os pontos que estão adequados e aqueles que precisam ser melhorados”.

Além das rubricas propriamente ditas, compostas por critérios, níveis de desempenho e descritores, Moraes e Furtoso (2025) mencionam a existência de ferramentas similares, como listas de verificação e escalas de classificação, que, diferentemente das rubricas, não descrevem os níveis de avaliação – e, conseqüentemente, são mais subjetivas. O fundamental, em qualquer caso, é que esses recursos estejam alinhados a uma concepção de avaliação como parte integrante do processo de aprendizagem, e não como etapa isolada ao final do percurso formativo.

Nesse sentido, o uso de rubricas se mostra especialmente relevante para gêneros de natureza mais aberta e interpretativa, como o ensaio acadêmico. Nesses casos, em que há variações entre áreas distintas e os critérios nem sempre são consensuais, as rubricas funcionam como ponto de partida para o diálogo e a negociação de sentidos, respeitando as especificidades de cada cultura disciplinar, sem abrir mão de uma avaliação clara e justa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No âmbito da disciplina *Gêneros, Ensino e Educação (Inicial e Continuada) de Professores de Línguas*, disciplina de pós-graduação da qual resulta este trabalho, foi proposto aos estudantes a elaboração de uma rubrica avaliativa voltada para um gênero textual específico, com o objetivo de articular teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem. A proposta partiu da premissa de que refletir sobre os critérios de avaliação de produções textuais é fundamental para promover práticas pedagógicas mais conscientes e coerentes com os objetivos formativos dos cursos de licenciatura.

Para fundamentar a escolha do gênero, inicialmente, realizamos uma análise das ementas dos cursos de licenciatura vinculados à área de Ciências Humanas, especificamente Letras/Português, Letras/Inglês, História, Filosofia e Ciências Sociais. Essa análise revelou que o gênero *ensaio* é recorrente nos componentes curriculares de todos esses cursos. No entanto, observamos também uma lacuna: embora o gênero seja solicitado com frequência, as ementas e os planos de ensino não deixam claro quais critérios são utilizados para a sua avaliação.

A partir desse diagnóstico, os discentes da disciplina desenvolveram uma rubrica específica para o gênero ensaio, organizada em quatro categorias fundamentais: (1) contexto de produção; (2) organização textual; (3) conteúdo; e (4) linguagem. A construção dessa rubrica ocorreu a partir da leitura de ensaios pertencentes a cada uma das áreas do conhecimento, tendo como foco a identificação de padrões em cada uma das categorias listadas. Após a discussão dos dados levantados, foi então desenvolvida a rubrica.

Com o intuito de validar e aprimorar a rubrica proposta, foi elaborado um formulário-convite direcionado aos docentes dos cursos mencionados, convidando-os a participar de uma roda de conversa para discutir a pertinência, clareza e aplicabilidade da rubrica no contexto universitário. Apesar do número reduzido de confirmações, quatro professores aceitaram o convite e participaram do encontro, realizado em novembro de 2024. A roda de conversa foi organizada em um ambiente informal, acompanhada de um *coffee break*, o que favoreceu a troca de experiências e o diálogo construtivo sobre as práticas avaliativas nos cursos de licenciatura. Esse momento de escuta e interlocução foi essencial para a análise crítica da proposta, permitindo o refinamento da rubrica e reafirmando a importância da integração entre ensino, pesquisa e extensão no contexto da formação docente.

Ao realizarmos a análise da primeira categoria (contexto e produção), observamos que os professores dos cursos de Filosofia e Letras Inglês discordaram do critério de avaliação “subjetividade e autoria do autor”. A docente de Letras Inglês reconhece que há textos que não precisam considerar a subjetividade, enquanto o professor de Filosofia destacou que a área requer um conteúdo objetivo e não subjetivo. Já os professores da área de Linguística e Literatura consideraram a subjetividade como um aspecto importante na escrita do ensaio.

Na segunda categoria (organização textual), observamos uma discordância do professor de Filosofia em relação aos critérios “título”, “número de página”, “uso de referências bibliográficas” e “construção composicional acadêmica” pois apesar de reconhecer a importância de um texto objetivo, o docente também reconhece a importância da liberdade de expressão do sujeito. Por outro lado, a docente de Letras Inglês considera importante levar em conta esses aspectos descartados pelo professor de Filosofia.

Na terceira categoria (conteúdo), notamos que os professores consideram pertinentes todos os elementos. No entanto, os professores de Linguística e Filosofia denotam que nem sempre é necessário relacionar o conteúdo teórico diretamente com problemas sociais. Na última categoria (linguagem), observamos que todos os elementos foram avaliados como relevantes. No entanto, no quesito “criatividade”, notamos que os docentes da área de Linguística e Letras Inglês consideraram ser difícil haver avaliação da criatividade do sujeito.

Desse modo, ao longo da análise, é observado que a criação de uma rubrica de avaliação do gênero ensaio é importante para a avaliação acadêmica. Contudo, ela não deve ser um material rígido, mas alterável de acordo com o contexto e as necessidades dos docentes.

CONCLUSÃO

A roda de conversa realizada com docentes de diferentes cursos das Ciências Humanas possibilitou reflexões significativas sobre o lugar do ensaio na

formação acadêmica e os desafios envolvidos em sua avaliação. A partir da apresentação de uma rubrica avaliativa como ponto de partida, foi possível observar tanto convergências quanto divergências entre as concepções docentes acerca do gênero, revelando que, apesar de compartilharem a valorização da autoria e da argumentação, as áreas apresentam expectativas distintas quanto aos critérios avaliativos.

Os debates evidenciaram que o ensaio, por sua natureza aberta, reflexiva e subjetiva, não se adequa facilmente a instrumentos avaliativos rígidos e uniformes. Como discutido por Ferragini (2011), trata-se de um gênero que tenciona fronteiras e convoca o leitor a participar de um movimento interpretativo e argumentativo que não se encerra em fórmulas prontas. Nesse sentido, a rubrica apresentada cumpriu seu papel ao fomentar o diálogo entre os docentes, ainda que tenha demandado adaptações conforme os contextos disciplinares.

Concluimos, portanto, que a avaliação do ensaio no ensino superior deve ser orientada por princípios de flexibilidade, diálogo e contextualização. Rubricas avaliativas, quando construídas coletivamente e com abertura à diversidade epistemológica das áreas, podem contribuir para práticas mais justas e formativas. A experiência relatada reafirma a importância de espaços colaborativos de escuta e troca entre docentes, como estratégia para repensar as práticas de ensino e de avaliação no âmbito universitário.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Gramática Contextualizada**: limpando o pó das ideias simples. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Diretoria de Estatísticas Educacionais. Brasília: MEC, 2022.

BRITO, L.P.L. **A Sombra do Caos**: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

CAMPOS, M. **Manual de Redação Científica**: ensaio acadêmico, relatório de experimento e artigo científico. 1. ed. [S. l.: s. n.], 2015. ISBN 978-85-918919-2-4.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação de tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CORRÊA, M. L. G. O estatuto da Linguística Aplicada no campo das ciências da linguagem e o ensino de escrita. São Paulo, **Revista da ABRALIN**, v. 7, n.2, p. 243-271, 2008.

COSTA-HÜBES, T. C. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguísticos**, v. 7, n. 14, p. 46–59, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/percursos/article/view/10876>. Acesso em: 23 jul. 2025.

COSTA-HÜBES, T. C. Efeito de valoração em perspectiva enunciativo-discursiva: proposta teórico-metodológica para a prática de leitura. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA-PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas: Pontes Editora, 2020. p. 109–138.

EGIDO, A. A. **A-Z de metodologia em pesquisa**: estudos qualitativos, linguísticos e educacionais. São Luís: EDUFMA, 2024.

FERRAGINI, N. L. O. **Ensaio acadêmico**: da teoria à prática em sala de aula. 2011. 204 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011

GERALDI, J.W. **O Texto na Sala de Aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRAEMER, M. A. D. Letramento Acadêmico/Científico e Participação Periférica Legítima: estudo etnográfico em comunidades de prática jurídica. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, v. 9, p. 92-110, 2014.

MORAES, I. T.; FURTOSO, V. A. B. O papel das rubricas na promoção de letramentos acadêmicos: orientações teórico-práticas. *In*: CRISTÓVÃO, V. L. L. et. al. (orgs.) **Letramentos acadêmico-científicos em diferentes culturas disciplinares**. Curitiba: Syntagma Editores, 2025. P. 240-257.

SÖHNGEN, C. B. C.; BORDIGNON, D. M. Estratégias metacognitivas: Uma reflexão a partir do ensaio acadêmico. **Letrônica**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. e38608, 2021. DOI: 10.15448/1984-4301.2021.2.38608. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/38608>. Acesso em: 1 ago. 2025.

STREET, B. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, B. Society re-schooling. **Reading Research Quarterly**, Newark, v. 47, n. 2, p. 216-227, Apr. 2012.